

bica para as águas vindas do alto", o canal entre a energia divina vital e a Terra ou o homem terrestre, e quando a Árvore é mostrada na forma do corpo de um homem, Yesod é a genitália.

O último *sefira*, Malkhuth, é a esfera da Terra, da matéria e do orpo físico. Malkhuth é a união dos *sefiroth* em toda a Árvore, todo o reino manifesto de Deus. Muitas vezes é chamada de Shekhinah, a presença divina no mundo, e sobretudo a presença divina no povo de Deus, Israel. Na Cabala, o Shekhinah é um elemento feminino em Deus, a divina Rainha, Noiva e Filha. É através de Yesod, "a bica", que os *sefiroth* mais elevados fluem para dentro dela. Como o último dos *sefiroth*, ela está no exílio, caída na matéria, com a implicação de que "uma parte do próprio Deus está exilada de Deus" (421). Mas igualmente como último *sefira*, ela é a entrada para o divino, a esfera em que o homem começa sua subida na Árvore. O supremo objetivo da Cabala judia é reunir a caída Shekhinah ao seu "marido", para restaurar a totalidade de Deus. "Aquele que venera Deus por amor", diz o *Zohar*, "eleva tudo ao estágio onde tudo tem de ser uno."

O Plano Astral

Ocultistas modernos vêem a ascensão na Árvore, ou "subida através das esferas", como uma jornada ao interior do PLANO ASTRAL, o mundo em que os produtos do pensamento e da imaginação têm sua realidade. Para ter êxito, o mago precisa aguçar seus poderes de imaginação e concentração ao mais alto nível, e também pode empregar técnicas respiratórias e posturas especiais do corpo. Os místicos judeus também usavam técnicas de "ioga", e um escritor por volta do ano 1000 D.C. disse que aquele que deseja subir aos palácios celestiais para ver o Trono divino tem "de jejuar vários dias, pousar a cabeça entre os joelhos e sussurrar muitos hinos e cânticos, cujos textos se conhe-

cem pela tradição. Então, ele vê o interior e os palácios com os próprios olhos, e é como se entrasse num palácio atrás do outro e visse o que lá existe." O professor Scholem comenta que a posição do corpo envolvida é uma "atitude de profundo esquecimento de si", que parece ser "favorável à indução de auto-sugestão pré-hipnótica". Scholem também cita dois cabalistas judeus que experimentaram o que um ocultista moderno descreveria como a separação do corpo astral do corpo físico. "Sabei que todo o segredo da profecia", disse um deles, "para o profeta, consiste em que ele de repente vê a forma de seu eu parada à sua frente, e esquece seu próprio eu, e ele se desprende dele, e ele vê a forma de seu eu diante de si, falando-lhe e predizendo o futuro..." E o outro escreveu: "Chamo céu e terra a testemunhar que um dia eu me sentei e anotei um segredo cabalístico; de repente, vi a forma de mim mesmo em pé na minha frente, e eu mesmo desprendendo-me de mim..." (420).

Como os *sefiroth* simbolizam dez aspectos de Deus, o universo e o homem, dez grandes princípios ou forças sobre os quais se assentam todas as coisas, é possível classificar todos os fenômenos em termos deles, como se, para usar a analogia de Aleister CROWLEY, se tivesse de agrupar todos os papéis em cima da mesa em dez escaninhos. Um extenso sistema de correspondências foi elaborado por MacGregor MATHERS e Crowley (ver 102, 104), que classifica inúmeros fenômenos em termos dos *sefiroth* e dos Vinte e Dois Caminhos, que são linhas desenhadas no diagrama da Árvore da Vida, ligando os *sefiroth* (ver também TARÔ). Os caminhos pelos quais o adepto viaja nas ascensão da Árvore associam-se às vinte e duas principais figuras do baralho do Tarô e às vinte e duas letras do alfabeto hebraico.

Empregam-se as correspondências na meditação, para adquirir compreensão da natureza de um *sefira* ou caminho, ana-

lisando-se o fenômeno e símbolos a ele associados. Há também placas indicativas e sinais de advertência para o ocultista que tenta subir a Árvore. Se ele acredita que está na região de Netsah, a esfera de Vênus, e vê um cavalo ou um chacal, sabe que alguma coisa saiu errada. O cavalo pertence a Marte, e o chacal é uma criatura da Lua. Ele esperaria ver pombos ou pardais, ou talvez um leopardo ou um lince, que pertencem a Vênus. Se sobe pelo vigésimo-segundo caminho, que liga Malkhuth a Yesod, e vê uma figura em escarlate, então errou de estrada, pois o seu caminho pertence a Saturno, e a cor de Saturno é o preto (160). A ascensão da Árvore é tida por todas as autoridades, antigas e modernas, como extremamente perigosa, expondo a alma a inúmeras entidades e situações sinistras.

Também se empregam as correspondências em operações de magia, para intensificar e concentrar energia. Por exemplo, um mago que executa uma cerimônia de ódio e destruição contra um inimigo usará objetos e idéias relacionadas ao *sefira* Geburah — mantos e reposteiros vermelhos, um rubi num anel de ferro, uma espada ou bastão de ferro. Pode acender cinco velas e ter cinco pentagramas (estrelas de cinco pontas) bordados em seu manto. Ele também despertará — e se concentrará ferozmente neles — todos seus impulsos interiores de raiva e maldade, enchendo a mente com imagens de sangue e tortura, ruína e dor. Através desses fenômenos relacionados a Geburah, ele invoca a força da energia destrutiva dentro de si mesmo e no universo para projetá-la contra sua vítima com o que acredita terá um efeito esmagador e devastador.

Gematria

O alfabeto hebraico ocupa importante lugar no misticismo e magia cabalísticas. As palavras, afinal, são armas formidáveis da vida comum, através das quais exercemos poder e influência sobre outras

peçoas, e atribuía-se poder mágico e divino aos primeiros sistemas da escrita, incluindo os hieróglifos do antigo Egito e os RUNES do norte europeu. A história, no Gênese, de Deus criando o mundo através de ordens dadas com palavras ("E Deus disse: Faça-se a luz: e a luz se fez") deu ao hebraico um lugar de honra na tradição judeu-cristã, como a linguagem de Deus, o supremo instrumento mágico com o qual Deus fez existir o universo. Na Cabala, o processo de emanação em que Deus revelou sua identidade também foi descrito como o desenrolar da linguagem divina, que era ela própria a identidade de Deus, cada letra do alfabeto hebraico sendo um aspecto de Deus carregado de energia divina.

Deus também usou a língua hebraica como o veículo de sua auto-revelação no Velho Testamento. Mas os cabalistas, observando que, na superfície, as escrituras eram às vezes banais, confusas, inconsistentes e nem sempre inteiramente atribuíveis ao Todo-poderoso, buscaram ministrar sob a superfície o ouro da divina verdade escondido lá dentro. Na verdade, trataram o Velho Testamento como um código que podia ser decifrado por métodos matemáticos e anagramáticos, de considerável antiguidade, o mais importante dos quais foi a *gematria*.

A gematria baseia-se no fato de que as letras hebraicas também representavam números (ver também NUMEROLOGIA). Pode-se transformar qualquer letra ou frase hebraica num número e depois traduzir esse número numa frase ou palavra diferente, e achar que descobriu a verdade, o sentido por baixo do original. Por exemplo, quando Abraão estava nas planícies do Mamre, diz o Gênese: "e eis que três homens estavam ao lado dele". As letras de "e, eis, três homens", em hebraico, somam 701, e as palavras de "esses são Miguel, Gabriel e Rafael" também somam 701, portanto deduziu-se que os três "homens" eram na verdade os três arcan-